OUKA
The University of Osaka
Institutional Knowledge Archive

Title	Tempos sombrios para os imigrantes japoneses no Brasil (1941-1948)
Author(s)	Dezem, Rogério Akiti
Citation	ブラジル研究. 2020, 16, p. 1-21
Version Type	VoR
URL	https://hdl.handle.net/11094/106603
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

https://ir.library.osaka-u.ac.jp/

The University of Osaka

Tempos sombrios para os imigrantes japoneses no Brasil (1941-1948)

Rogerio Akiti Dezem

Introdução

"Quando a guerra terminar...
Queremos viver sob o "hi-no-maru"[1]

A política nacionalista e assimilacionista com relação aos estrangeiros na Era Vargas (1930-1945) atingiu seu auge no início da década de 1940. Associada aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual o Japão tornou-se, a partir de 1942, "país inimigo" do Brasil, estes acontecimentos foram responsáveis pelo momento em que a colônia japonesa radicada em terras brasileiras viveu seus momentos mais difíceis.

Pressionada por dois nacionalismos, pois de um lado havia o governo militarista japonês e do outro a ditadura de Vargas, o imigrante que desde o final da década de 1920 consolidava suas bases (associações, núcleos colônias, escolas, etc.) em território brasileiro, sofreu uma espécie de "crise existencial". Quais valores sociais e culturais deveriam nortear o modo de vida de grande parte dos imigrantes e, principalmente, de seus descendentes? O japonês ou o brasileiro?

Em meados de 1939 circulava pela colônia a obra *Os japoneses de Bauru* (*Bauru Kannai no Houjin*), de autoria do japonês *Shungoro Wako*, tratava-se de um relatório sobre a situação dos imigrantes ao longo das linhas Noroeste e Paulista, região na qual se encontrava a maior parte dos japoneses e descendentes no período. Foi a partir desta pesquisa que se pode constatar que naquela região cerca de 85% dos imigrantes desejava voltar para o Japão. E a guerra nem havia começado ainda...

A suspensão da imigração japonesa para o Brasil em 1941, quando oficialmente chegou a última leva no navio *Buenos-Aires maru* (DEZEM:2000, p.40) encerrou um período, marcando para muitos imigrantes, que em sua maioria vivia no interior do estado de São Paulo e norte do Paraná, um momento de apreensão e dúvidas.

---

[1] Handa, Tomoo. *O Imigrante Japonês. História de sua vida no Brasil.* São Paulo: T.A. Queiroz/CENB. 1987. p. 632.

Preconceitos contra o "amarelo" tomam a forma de discriminação e repressão. O "Perigo Amarelo" estava na ordem do dia, alimentando a imaginação das autoridades brasileiras. Proibiu-se falar a língua japonesa em público, alfabetizar ou ensinar línguas estrangeiras, publicar jornais, revistas, panfletos em língua japonesa, reunir-se em grupos, criar associações ou sociedades, deslocar-se de uma cidade a outra sem salvo-conduto e sem a prévia comunicação e autorização da polícia política (DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social), os estrangeiros deveriam portar uma carteira de identificação, conhecida como "modelo 19" ou a certidão de registro "modelo 20". Caso algumas destas interdições fosse descumprida, o imigrante poderia ser preso para apenas simples averiguação ou, o que era pior, poderia ser acusado de favorecer os "súditos do Eixo" ou mesmo ser espião do *Mikado*. E muitos foram presos arbitrariamente entre os anos de 1942-1945..

Foram tempos sombrios. As dificuldades de comunicação, deslocamento e as prisões acabaram por isolar cada vez mais os imigrantes no interior. A cidade de Bastos (SP) era vista pela polícia como o "maior quisto nipônico" do país, portanto deveria se vigiada. Em 1942, a cidade contava aproximadamente com uma população de 15 mil habitantes, dos quais 12 mil eram japoneses (imigrantes e descendentes). O grupo escolar de Bastos, segundo fontes da polícia política, tinha matriculados 487 alunos, sendo 387 de origem japonesa e 90 brasileiros (DEZEM: 2000, p.44) uma verdadeira " nipolândia" encravada na região noroeste do estado de São Paulo.

Essa paranoia, alimentada pela guerra atingiu mais diretamente alemães e japoneses, no caso dos nipônicos, além da língua ser um fator diferencial, dizia-se que a "cara não ajudava", ou seja os traços orientais facilitavam a suspeição e a acusação. Alguns imigrantes expressaram aqueles difíceis momentos de forma poética, foi o caso do *Kikuji Iwanami* (agricultor e poeta), que teve muitos dos seus poemas em língua japonesa confiscados e queimados no período e que soube na forma de *tanka* expressar as dificuldade e a angústia vivenciados quando preso:

"É tão injusto...
Eixo e aliados
foram palavras
que eu aprendi quando
já estava na prisão"[2]

[2] Kiyotani, Masuji. *Kikuji Iwanami – A vida de um imigrante através da sua poesia.* São Paulo: CENB, 1993. p. 113.

Os anos iniciais da guerra do Pacífico (1941-1942) são de grande euforia para os japoneses. Para aqueles que viviam no Japão, ou melhor, no *Dai-Nippon*, as primeiras vitórias nada mais eram do que um processo "natural" de uma nação que autodenominava como sendo "os brancos da Ásia". Muitos dos imigrantes radicados aqui, mesmo sob pressão e vigilância do governo, além da euforia alimentavam a ainda esperança de "viver sob o *hi-no-maru*" (bandeira japonesa) que se tudo desse certo seria um grande império na Ásia.

Até meados de 1942 os acontecimentos da Guerra no Pacífico pareciam conspirar para isso. No entanto a destruição de 4 porta-aviões japoneses na Batalha de *Midway* pela marinha norte-americana, deu início ao declínio do poderio nipônico no controle do Pacífico e consequentemente abriu o caminho para sua derrota na guerra.

Em 28 de janeiro de 1942, o Consulado-geral do Japão encerrou suas atividades diplomáticas no Brasil, deixando sem representação governamental oficial os japoneses que aqui residiam. No mesmo ano foi ordenada a evacuação das Ruas Conde de Sarzedas e Estudantes no bairro da Liberdade. Um ano depois, em 8 de julho de 1943 todos os japoneses residentes na zona litorânea de São Paulo e, principalmente na cidade de Santos tiveram pouco mais de 24 horas para evacuar a região. Ações desse tipo representam na prática, o temor ao suposto "Perigo Amarelo" associado diretamente a uma "provável invasão japonesa".

Mesmo assim, a maioria dos imigrantes japoneses sob constante vigilância dava continuidade as suas vidas, criando formas de "adaptação" ao novo contexto de privações que estavam vivenciando.

Entre centenas de casos dessa nova realidade, podemos citar a história do japonês *Magosaburo Osaki* (DEZEM: 2000, p. 43) morador da cidade de Lins no interior da cidade de São Paulo, que teve em setembro de 1942 seu rádio apreendido pela polícia. Era proibido ouvir transmissões de ondas curtas após a meia-noite, como também era proibido o transporte de aparelhos da zona urbana para zona rural, pois a fiscalização se tornava quase impossível. Em outubro de 1943 o rádio foi devolvido a *Osaki*, mas com o botão que sintonizava as ondas curtas estava lacrado. No entanto, para ouvir as notícias do "vitorioso Japão" na Rádio Tóquio (Agência *Domei*), mesmo com uma transmissão precária e quase inaudível, valia qualquer sacrifício, até correr o risco de passar uns dias na Delegacia.

Como subterfúgio, muitos davam um "jeitinho" para conseguir acessar novamente as notícias da pátria, quebrando o lacre e colocando grampos, ou algum tipo de objeto que pudesse novamente sintonizar o rádio na frequência de ondas curtas.

Aos olhos da polícia política, os japoneses eram vistos como um "perigo em potencial, inassimiláveis, imperialistas, traiçoeiros", portanto deveriam ser "nacionalizados", o mais rápido possível, falava-se até em expatriamento dos japoneses não naturalizados.

Por outro lado algumas pessoas, tanto do lado dos próprios japoneses como dos brasileiros, tentaram (e souberam) se aproveitar da situação em que se encontrava a colônia japonesa na época. O imigrante japonês, artista plástico e memorialista *Tomoo Handa* narra uma história ocorrida na região de Tietê, interior de São Paulo, na qual um brasileiro, que exercia a função de "fiscal do interior", tentou por meio de um truque prender japoneses.

Proibidos de se reunir em grupos, alguns japoneses, entre eles um amigo de Handa, pescavam separadamente em uma mesma área, quando foram surpreendidos e depois cercados por um policial e seus capangas. De repente o policial tirou uma bandeira do Japão do bolso, amarrou na cintura e queria obrigar a um dos japoneses que a segurasse. Atônitos, todos do grupo reusaram. Então, foram obrigados a formar uma fila, onde ao final um dos capangas segurava a bandeira japonesa para que fossem fotografados junto à "prova do delito". No entanto a companhia de colonização responsável pelo núcleo foi avisada a tempo, antes mesmo do policial fazer a acusação de "niponismo" e ninguém foi preso (HANDA:1987, p. 634).

Nos relatórios da polícia política (DOPS) encarregada de vigiar e prender os suspeitos de "quinta-colunismo", podemos ter uma noção da forma como as autoridades enxergavam os japoneses. Em um destes relatórios, o delegado ao descrever os rituais budistas praticados nos cemitérios em homenagem aos familiares mortos na cidade de Bastos - SP, considerava os japoneses, além de "altamente suspeitos", também " ingênuos".

O delegado Louseira Rocha afirmava isso ao observar que ao serem depositadas oferendas (comida, moedas, lembranças) nos túmulos dos mortos de origem japonesas as mesmas geralmente eram "recolhidas" posteriormente, sendo a prova mais cabal disso o seu "desaparecimento" do jazigo. Na realidade, conclui Louseira, as oferendas eram "roubadas" pelas crianças brasileiras que já sabiam desse hábito e que, por uma justa razão,

necessitavam dos "apetitosos manjares e de tão reluzentes moedas", muito mais que os defuntos... Ao final o delgado concluiu que a garotada, ao raciocinar e agir dessa forma, "à moda brasileira", era *mais esperta* que os japoneses (DEZEM: 2000, p.45).

Aqueles que eram presos após ter cometido delitos como ^falar japonês em público", "promover reuniões sem autorização da polícia", "viajar sem portar salvo-conduto" ou simplesmente, "suspeitos de quinta-colunismo", ou seja, espionagem, eram levados para a delegacia para averiguação, acabando, na maior parte das vezes, por pernoitar na cadeia sendo liberado no dia seguinte.

Ocorreram muitas prisões na cidade de São Paulo e, principalmente, no interior do estado. Em algumas regiões devido a grande quantidade japoneses de presos, as delegacias enviavam para a Hospedaria dos Imigrantes os "excedentes" que ficavam em sua maioria, uns 3 ou 4 dias e depois eram liberados. Aqueles acusados de "quinta-colunismo" e considerados "criminosos políticos" eram enviados nos tempos de guerra para a Casa de Detenção de São Paulo onde aguardavam julgamento.

Todo esse clima de apreensão, discriminação e, principalmente, desinformação contribuiu para que se reforçasse entre os imigrantes japoneses e muitos de seus descendentes radicados nas distantes cidade do interior de São Paulo e norte do Paraná, o sentimento de *Yamato Damashii*, ou Espírito Japonês. União, nacionalismo, patriotismo se tornavam o fio condutor da esperança da vitória militar japonesa na guerra e volta ao *Dai Nippon*.

Infelizmente, as prisões e os atos arbitrários por parte das autoridades brasileiras contra os japoneses se tornaram corriqueiros. O preconceito, a falta de preparo e a má-fé de muitos delegados e investigadores, principalmente nas cidades do interior do estado de São Paulo, favoreciam delações, prisões arbitrárias, furtos as residências de imigrantes e até mesmo, agressões físicas. Ao percorrer as cidades do interior do estado de São Paulo várias são as lembranças dos imigrantes japoneses de maus tratos por parte da polícia e de "brasileiros". Existem histórias até de mortes de japoneses ocorridas dentro das cadeias causadas por tortura e maus tratos. Como podemos notar, o final da década de 1930 e os primeiros anos de 1940, foram um período muito difícil para a grande maioria dos imigrantes e descendentes aqui radicados. Mas o pior ainda estava por vir, no seio da

própria colônia japonesa em frangalhos, teria início uma luta fratricida que calou fundo na alma de cada imigrante que vivenciou aqueles anos: a *Shindô Renmei.*

1. *"Morte aos quintas-colunas!"* : Discriminação e repressão aos japoneses durante os anos de guerra

Várias são as histórias relativas às privações, discriminação e violência vivenciada pela comunidade japonesa durante os anos de guerra no Brasil. A maior parte associadas ao contexto político, mas também a xenofobia e a ignorância por parte da população e das autoridades brasileiras com relação a aspectos associados à cultura e aos costumes dos imigrantes japoneses aqui radicados.

Após o rompimento do Brasil com os países que compunham o Eixo em janeiro de 1942, uma série de atos de vandalismo e depredação ocorreram contra os japoneses em várias regiões do Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e do Paraná.

Aos olhos de muitos brasileiros todos "amarelos" eram iguais. No centro de São Paulo, na Av. São João, havia pastelarias de propriedade de chineses e que com frequência passavam a sofrer depredações por parte de brasileiros mais exaltados. Cansados do vandalismo, os proprietários colocaram uma faixa com os dizeres: " Somos amigos, não somos JAPONESES, somos CHINESES". Uma versão contrária, diz que muitos japoneses associados ao trabalho nas tinturarias (muito visadas por vândalos anti-Eixo), mudaram de ramo e foram trabalhar em pastelarias para que pudessem se passar por "chineses" e desse modo não serem molestados, histórias da guerra.

Nem as crianças escapavam da discriminação, muitas no trajeto para escola sofriam provocações ao serem chamadas de "quinta-coluna", " filhos de Hiroito" ou simplesmente "amarelo" por parte das crianças brasileiras. Eurica, filha de *Kaito Ussui*, um dos pioneiros do *Kasato Maru*, lembra que no colégio onde estudava com seus irmãos em Curitiba, as crianças filhas de japoneses eram chamadas de "quinta-coluna" e "*tinham de estudar muito mais do que os outros, pois por qualquer coisinha, os professores diminuíam nossas notas*" (SETO & UYEDA:2002, p. 233).

O médico nissei *Matinas Suzuki* em seu livro de memórias relata que no interior de São Paulo foi parado na rua *"até por pinguço, mal se equilibrando sobre as pernas"* que lhe disse: *"Sai prá lá, quinta-coluna f.d.p.!"*(SUZUKI:1997, p.112).

Um dos episódios mais sombrios e humilhantes do período ocorreu no estado do Paraná, quando em meados de 1942 parte dos japoneses e descendentes que moravam no litoral paranaense foi obrigada a deixar suas terras e propriedades em 24 horas. Aqueles que resistiram ou perderam o "trem dos evacuados" foram expulsos de seus domicílios pelo exército, muitos sendo enviados a Granja do Canguiri na cidade de Curitiba. Lá foram alojados em galpões-currais destinados a animais e foram tratados como tal, por estudantes secundaristas que iam "visitá-los". Os estudantes olhavam para os japoneses como bichos, chegando até a oferecer capim, ao mesmo tempo que imitavam relinchos e mugidos de bode. (SETO & UYEDA:2002, p.42). Deste cenário preconceituoso nasceu o apelido "bode" para designar os japoneses em geral na época.

O sentimento antijaponês podia ser visto nos xingamentos e agressões físicas como também em ações de maior vulto, como ordens de evacuação em massa do litoral para regiões mais ao interior do país.

Os imigrantes japoneses que viviam na cidade litorânea de Santos tiveram pouco mais de 24 horas para evacuar a região. Mais de quatro mil passaram pela Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo e depois foram distribuídos pelo interior do estado. O jornal *A Tribuna* de 10 de julho de 1943, publicava a seguinte manchete: "*Quase todos proprietários de chácaras (japoneses), eles puseram à venda quase tudo quanto possuíam. Vendiam a qualquer preço, pois não havia tempo para regatear. Um deles, para desfazer-se de sua chácara, em Santa Maria, vendeu três porcos, uma carroça e um muar pela quantia de mil cruzeiros. As galinhas eram vendidas a dois ou três cruzeiros*".

Na região de Acará, no estado do Pará, muitos japoneses e descendentes junto a outros estrangeiros foram confinados no espaço que pertencia a Companhia Nipônica de Plantação e que foi transformado por ordem do governo paraense em um campo de concentração destinados aos "súditos do Eixo".

Um personagem interessante, testemunha ocular dos horrores da II Guerra Mundial no *front* italiano pela FEB, foi o médico *nissei Massaki Udihara* (1913-1981). Católico devoto, formado em medicina pela Universidade de São Paulo, escrevia poesias em inglês,

tinha domínio da língua francesa, italiana, além da japonesa. Aos 31 anos ele foi convocado como reservista para FEB em 1944, servindo como tenente do 6° RI (Regimento de Infantaria) e não como médico. Em seu diário sobre os momentos vivenciados na guerra, Udihara descreve de modo claro e direto suas impressões do conflito entre 1944 e meados de 1945. Os momentos vividos no norte da Itália são retratados por *Udihara* sob a ótica de uma pessoa ilustrada, pacifista, contrária a guerra. Para ele *"...houve momento em que senti o desejo de ficar louco... Isso só para ficar longe de tudo isso"* (UDIHARA: 2002, p. 302)

Outro episódio que retrata o preconceito e a desconfiança para com os japoneses no período é a história do *nissei Chuniti Hara* no Paraná. O jovem Hara se apresentou por duas vezes a Junta Militar da cidade de Antonina em 1942, sendo dispensado por ser "japonês". Quando da formação da FEB dois anos depois Hara foi convocado, só que desta vez em um ato de protesto não foi. Passados alguns meses, um jipe do Exército aparece na chácara da Tozan onde o jovem trabalhava como lavrador, detido ele foi levado para o quartel onde deveria dar explicações da sua "deserção". Hara contou que havia tentando se alistar anteriormente mas não havia sido aceito. Ninguém acreditou... Inquirido se queria "novamente" prestar serviço militar, conta-se que *Chuniti Hara* respondeu:

" *– Não quero por que todos vocês me chamam de japonês.*"

Foi então que um sargento replicou:

" *– A gente nunca vai chamar você de japonês, seo japonês".* Ordenando: *"Prendam esse japonês.*" (SETO & UYEDA: 2002, p. 259).

Na busca do filho detido *Missaku Hara* eum amigo foram ao quartel buscar informações sobre o paradeiro do filho, informados de que o Exército não ouvia depoimentos de civis, foram encaminhados para o DOPS, lá os dois foram detidos acusados de "quinta-colunismo". Sabendo da notícia da prisão do pai e do amigo, presos por sua causa, *Chuniti Hara* pediu alistamento e logo depois, embarcou no fim de 1944 para o Rio de Janeiro para se efetivar a FEB. O pai e o amigo foram colocados em liberdade, pois " *manter o pai de um soldado brasileiro na cadeia poderia ser ofensivo a Nação*" (Idem).

A resistência à convocação levou a prisão não só descendentes de japoneses, mas de outras etnias imigrantes como também de brasileiros.

Consta que dos 40 nisseis que participaram da FEB, de um contingente de pouco mais de 25 mil pracinhas, apenas um veio a falecer durante a guerra, *José Higashino* que

servia no 1° Batalhão de Saúde. O jovem padioleiro tombou em 3 dezembro de 1944 durante a tomada de Monte Castelo.

2. 1945 -A derrota japonesa e os seus nefastos efeitos...

"Não sei o que fazer, pensando nisto e naquilo, como estivesse de pé na escuridão"
(*Yoshio Abe*, 15 de agosto de 1945)

Na última semana do mês de abril de 1944, os proprietários do sítio Bandeirantes no distrito de Primavera em Marília, interior do estado de São Paulo, estavam assustados. Na madrugada do dia 24 de abril, um dos galpões de criação de bicho-da-seda foi consumido pelas chamas. Na mesma semana outros cinco galpões foram totalmente destruídos pelo fogo. Esses atentados causaram surpresa para polícia política que passou a investigar o caso, mas entre as assustadas vítimas, todas de origem japonesa, desconfiava-se de quem haviam sido os responsáveis pelos criminosos incêndios.

Após investigação na cidade de Marília e arredores, a polícia prendeu os 4 sabotadores. Todos japoneses e moradores da cidade. Entre os detidos, se encontrava uma figura que pouco tempo depois se tornou uma das figuras centrais da crise que assolou a colônia japonesa no pós-1945: *Junji Kikawa*.

Interrogados, confessaram seus crimes, alegando que as atividades praticadas pelos sericultores em sua maioria japoneses, "eram contrários aos interesses do Japão na guerra".

Após uma investigação mais apurada realizada pelo DEOPS, descobriu-se que provavelmente no início de 1944, formou-se uma organização de japoneses que tinha como objetivos, além de sabotar a produção de mentol e seda, "matar os espiões contra o Japão", ou seja, aqueles que eram acusados de prejudicar o esforço de guerra nipônico (DEZEM: 2000, p. 49).

Os "mentores" da organização propagavam que a seda produzida pelos "traidores" e exportada para os Estados Unidos era utilizada na produção de paraquedas, enquanto que o mentol serviria para refrigeração dos motores dos aviões aliados.

Descobriu-se que em suas ações o grupo de sabotadores se dividia em dois, enquanto um ateava fogo nos galpões, o outro deixava uma carta assinada debaixo da porta da sede do sítio ou fazenda, assumindo o ato de sabotagem e ameaçando os sericultores de

extermínio da família caso continuassem com aquele "ato de traição", ou seja criando bicho-da-seda e plantando hortelã.

Outros atos de sabotagem (incêndios e ameaças) contra sericultores ocorreram no interior de São Paulo em cidades como Lins, Pompéia, Andradina, Araçatuba e Mirandópolis.

Com relação aos rumos da guerra, uma série boatos começaram a ser divulgados. Além das notícias das "vitórias retumbantes" das forças armadas japonesas no Pacífico, surgiam boatos absurdos como a história que correu a região da Alta Paulista, interior do estado de São Paulo, sobre o nascimento de uma criança deformada, com cabeça humana e corpo de bicho, apelidada "*Eis a verdade*". Dizia-se que logo após seu nascimento ela havia profetizado: "*A guerra terminará este ano com uma grande vitória do Eixo*". Logo depois teria morrido após declarar: "*Eis a verdade...*"[3]

A situação dos imigrantes japoneses que já era tensa e apreensiva durante a guerra, parecia tomar rumos inimagináveis naquele momento. Terminada a guerra na Europa em maio de 1945, tudo parecia se acalmar, mas em 06 de junho do mesmo ano, o governo brasileiro declarou guerra ao Japão, mais uma triste notícia naqueles anos difíceis...Mas o pior ainda estava por vir. O que parecia impossível na mentalidade de quase todos os japoneses aqui radicados, ocorreu. No dia 14 de agosto de 1945, o imperador *Hiroito* – idolatrado pelos súditos japoneses como uma figura Divina – veio ao rádio, pela primeira vez e comunicou a nação japonesa a rendição incondicional do Império do Sol Nascente. Foi choque para o povo japonês e que teve repercussões terríveis do outro lado do mundo, atingindo como um raio a colônia japonesa.

Incredulidade. Foi a primeira reação que muitos dos leais "súditos" do Grande Japão sentiram quando a notícia da derrota foi divulgada em jornais, revistas e principalmente "boca-a-boca". Divulgava-se que na realidade a notícia era falsa, se tratando de propaganda norte-americana. Mais boatos passaram a ser divulgados entre os japoneses. Em vários locais da capital e do interior do estado de São Paulo, ocorreram comemorações da "vitória" do Japão.

---

[3] Vários autores. *Uma Epopeia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.* São Paulo: Hucitec/SBCJ, 1992. p. 262.

O japonês *Yoshio Abe* residente na época em Penápolis, interior do estado de São Paulo, registrou em seu diário aquele momento:

"15 de agosto (quarta-feira). Tempo bom. Confusão total. Pasmo!
Na transmissão (de rádio) das 7 horas, inesperadamente o Japão comunicou a aceitação da recomendação de cessar fogo, coisa que se julgava não passar de boato. Rendição?! Na realidade, deve ser a derrota mesmo. Mas , e a chamada decisão de ataque suicida dos cem milhões de japoneses? Teve que se render diante do violento poder destrutivo da bomba atômica?(...) Não sei o que fazer, pensando nisto e naquilo, como estivesse de pé na escuridão. Passo o dia aturdido. À noite tomo uma s e outras com pessoas reunidas com as mesmas preocupações. Todos emocionados com a situação"[4]

Várias notícias sobre os "rumos da guerra" tidas como "verdadeiras" foram divulgadas entre setembro e novembro de 1945. Um suposto comunicado oficial, apreendido pelo DOPS e "supostamente" divulgado pela Embaixada da Suíça no Rio de Janeiro, continha as "verdadeiras notícias". Esse comunicado oficial estava anotado em língua japonesa em um caderno de caligrafia cujo portador era o japonês *Shogiro Inoue*, preso pela polícia. Traduzido para o português, verificou-se o cunho fantasioso e surpreendente do documento divulgado nos quatro cantos da colônia japonesa:

"As forças japonesas em Okinawa, usando a bomba Raishi, liquidaram em 15 minutos cerca de 150.000 sodados norte-americanos que atacaram a ilha. Os norte-americanos e os ingleses aceitaram as condições impostas pelo Japão. (...) O General Mac Arthur, representando os americanos e ingleses assinou em Tóquio a rendição incondicional de suas tropas.
Dia 16/11/1945 – Irradiação de Tóquio:
O povo japonês declarou que não aceitaria a paz enquanto não fosse bombardeado o território metropolitano dos Estados Unidos" (DEZEM: 2000, p. 57).

Além da divulgação de notícias absurdas como essas, também eram distribuídas e vendidas fotografias grosseiramente adulteradas, ilustrando a "vitória do Japão". Um caso bastante conhecido foi o das fotos publicadas na edição de 16 de setembro de 1945 do jornal *A Tribuna de Santos*, ilustrando a assinatura da rendição japonesa a bordo do encouraçado norte-americano Missouri. Vendidas como "prova da verdade" da vitória do Japão na guerra, as foto foram manipuladas. Em uma delas, no lugar da bandeira norte-

[4] Idem. p. 266.

americana, encontrava-se a bandeira japonesa. A legenda, escrita em japonês, informava que os *Aliados se rendiam incondicionalmente ao vencedor exército nipônico na Baía de Tóquio...*

Nesse universo de informações ambíguas que geraram confusão entre os japoneses, ocorreram episódios tristes. Japoneses radicados no interior do estado de São Paulo, acreditando na "vitória" do Japão, eram facilmente convencidos por aliciadores (japoneses) a comprar "terrenos fertilíssimos" na Grande Ásia sob o domínio do vitorioso Japão. Muitos venderam suas propriedades, compraram *yen* (desvalorizado e/ou falso), arrumaram suas malas com o objetivo de aguardar no porto de Santos um suposto navio que viria do Japão. Na opinião da maioria destes incautos, nada mais adequado: como o Japão havia vencido e conquistado terras nas Filipinas e Manchúria, nada mais justo que rumar para lá e viver sob o *hi-no-maru.* Segundo o raciocínio dos mais crentes, não restava mais nada a fazer no Brasil. A maioria perdeu tudo que havia conseguido com muito sacrifício, ludibriada pela história do navio que nunca veio...

Neste contexto o desejo de voltar para a tão querida e "vitoriosa" pátria, reacendeu o sentimento de *Nihongairi* entre muitos imigrantes japoneses radicados em São Paulo e no norte do Paraná.

O memorialista *Tomoo Handa* testemunha do período analisou a situação da seguinte forma:

"*Esse estado psicológico formou uma couraça para rejeição de qualquer opinião alheia que abalasse os pensamentos dos japoneses ante a instabilidade de uma situação que se modificasse a cada segundo. Tal fenômeno era favorecido por não haver notícias através de jornais e língua japonesa, e pelo fato de a guerra não estar sendo travada diante de seus olhos.*
O único ponto de apoio que os japoneses tinham consistia na transmissão dos resultados pela Emissora Militar Central. Por isso, as notícias eram espalhadas por todos os cantos. Quando a notícia transmitida diferia muito da dos países inimigos e era alguém que falasse português que a transmitia, achavam que era 'intriga da oposição'"(HANDA: 1987, p. 637).

Alarmados com os vários boatos veiculados e objetivando esclarecer a colônia sobre os verdadeiros rumos tomados pela guerra, um grupo de japoneses residentes na capital paulista, considerados "esclarecidos", pois além de dominar a língua japonesa, conseguiam ler e escrever em português e tendo acesso direto às notícias e informações sobre a guerra, veicularam um memorial em língua japonesa aos seus conterrâneos em 05

de outubro de 1945 . Com este memorial , tentaram apaziguar e esclarecer sobre a situação do pós-guerra de forma idônea. Dar fim aos boatos era o principal objetivo do memorial.

Junto a carta havia a tradução da Ordem Imperial de rendição, assinavam o documento *Jinsaku Wakiyama* (ex-militar), *Shigetsuma Furuya* (ex-diplomata), *Kunito Miyasaka* (ex-diretor da Bratac), *Kyoshi Yamamato*, *Senichi Hachiya*, *Chibata Miyakoshi* e *Kameiti Yamashita*. O último parágrafo do memorial faz um apelo para que todos se mantivessem unidos naquele momento difícil e compreendessem a verdade:

"Nossa mãe-pátria, o Japão, encontra-se neste momento, em dificuldades jamais experimentadas desde sua fundação. Para que possa vencê-las é preciso que seus filhos unam-se como um só homem e num só coração, para reconstrução do novo Japão, tolerando o intolerável, suportando o insuportável, acautelando-se contra explosões emotivas conforme o venerando desejo de sua majestade, o Imperador. Esperamos e fazemos votos que cuidareis da vossa própria dignidade e saúde" (DEZEM: 2000, p. 62).

O documento divulgado na capital e no interior do estado de São Paulo, causou a ira daqueles que propagavam a "vitória" do Japão. Calcula-se que pouco mais de 10% dos mais de 200 mil japoneses e descendentes radicados no Brasil acreditavam plenamente no memorial. Havia muita dúvida no ar, mas a maioria não aceitava o documento divulgado. Os signatários do memorial e aqueles que o divulgaram pelo interior do estado foram considerados "traidores" e deveriam receber uma lição caso não se retratassem publicamente pelo "erro" cometido. Mas quem eram aqueles que propagavam ardorosamente a "vitória" japonesa e acusavam de traição aqueles que compactuavam e divulgavam a verdade?

3. Um caos sem precedentes na história dos japoneses no Brasil: a *Shindo Renmei*

"Trata-se sob, todos os pontos de vista, de um acontecimento sem precedentes na história humana, particularmente na história da imigração, encarando-se esta do ponto de vista político-social e cultural, gerando uma tal confusão que nada podemos dar como explicação no momento presente, até que com o tempo possa o problema ir ser estudado em suas raízes psíquicas"
(*Hiroshi Yamanaka*, representante dos japoneses "esclarecidos" de Bastos (SP), 1946)

A notícia da derrota do "imbatível" Japão em agosto de 1945, causou espanto e tristeza para muitos japoneses aqui radicados, no entanto, para a maioria ela causou confusão e apreensão. Seria propaganda norte-americana? Provocação das autoridades

brasileiras? Como o Japão havia sido derrotado? Impossível, pois o Imperador *Hiroito* ainda vivia. Caso a notícia da derrota fosse verdadeira o Imperador seria o primeiro a cometer suicídio (*seppuku*). Era desta forma que no Brasil, muitos fiéis "súditos" japoneses raciocinavam naquele momento.

Boatos e notícias truncadas eram divulgadas arbitrariamente entre os núcleos coloniais no interior de São Paulo e no norte do Paraná, em sua maioria inverossímeis, mas que devido ao contexto pareciam ser fidedignas.

Confusão e descrença, falta de informações seguras e boatos, levaram a uma divisão entre os japoneses aqui radicados. De um lado os *katigumi* ("vitoristas"), que devido a falta de fontes de informação em língua japonesa e pela maioria viver quase que isolada no interior do Estado de São Paulo, acreditavam na vitória do Japão na guerra, este grupo perfazia quase 80% da colônia. Acredita-se também que boa parte daqueles que formavam o grupo *katigumi* eram imigrantes que não conseguiram se adaptar a realidade brasileira, muitos não obtiveram o sucesso almejado e desse modo alimentavam a esperança na crença " quase cega" da vitória do Japão e do retorno à pátria.

De posição contrária se encontravam os *makegumi* ("derrotistas" ou "esclarecidos"), grupo formado por aqueles que tinham acesso aos meios de comunicação em língua portuguesa, possibilitando assim a formação de uma consciência da verdade e que, por esses motivos, divulgavam a notícia real de que o Japão havia perdido a Guerra e consequentemente o Imperador *Hiroito* deixava de ser uma figura "divina". Havia um terceiro grupo, bem menor, chamado pelo memorialista *Tomoo Handa* de "lero-lero", aqueles que não se definiam nem por um lado nem por outro.

A *Shindo Renmei* (Liga do Caminho dos Súditos) foi em grande parte produto deste universo confuso pelo qual passava a colônia japonesa no pós-guerra. Entre várias sociedades clandestinas (e efêmeras) surgidas ainda na guerra, a sociedade se destacou por sua organização, liderança e capacidade de aglutinar cerca de 120 mil japoneses e descendentes em torno, a princípio de um ideal: a manutenção do *Yamato Damashii* e convicção de que o Japão não perderia a guerra.

A *Shindo* tinha sua sede na Rua Paracatu, 96, no bairro do Jabaquara, na capital paulista e outras 64 filiais espalhadas pelo interior do Estado de São Paulo. Entre os documentos apreendidos na sede da sociedade pela a Polícia Política (DOPS) que

investigava o caso, havia um mapa e uma lista das principais cidades e de seus sócios-contribuintes. A cidade de Marília encabeçava a lista com cerca de 12.000 associados, logo depois vinham Pompéia (10.000), Tupã (8.500), Mirandópolis (5.700) entre outras. A maior parte dos associados se encontrava nas regiões da Noroeste e da Alta Paulista no Estado de São Paulo.

Seus líderes e fundadores foram o ex-Coronel da Cavalaria *Junji Kikawa*, conhecido como "o velho *Kikawa*", e outros japoneses, todos isseis, *Ryotaro Negoro*, *Seiti Tomari*, *Kyo Yamauchi* (ex-militar).

Em 1945 *Kikawa* já era conhecido pela polícia, ex-militar que imigrou para o Brasil em 1933, já havia sido preso algumas vezes. A primeira prisão ocorreu em abril de 1942, logo após o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão, sob acusação de ter feito "ameaças de represálias contra o Brasil", foi fichado e logo depois posto em liberdade. Preso novamente em setembro de 1944, foi processado pelos incêndios em galpões de criação de bicho-da-seda e plantações de hortelã nas cidades de Paraguaçu Paulista e Marília, no interior de São Paulo e Assaí no norte do Paraná. Permaneceu preso na Casa de Detenção de São Paulo até novembro de 1945, quando foi posto em liberdade, devido ao sue estado de saúde precário. Mais tarde, a polícia descobriu que o nacionalista *Kikawa* era o presidente e um dos fundadores da *Shindo Renmei*. No momento em que saiu da prisão *Kikawa* avaliou dessa maneira a situação:

"*Desde então vivi contando os dias, esperando a ofensiva das forças japonesas, a partir do dia 10 de setembro que, segundo ouvi, seria a data comemorativa (Dia da Vitória). Uma viagem direta de navios de guerra do Japão levaria mais ou menos vinte dias, mesmo via Cabo da Boa Esperança ou Canal do Panamá. Mas mesmo passados 20 dias, 30 dias nada aconteceu. Considerei estranho o fato. Contudo, uma vez fora da prisão, sintetizando as mais diferentes versões que ouvi, cheguei à inesperada conclusão de que se tratava da mais ilimitada magnanimidade de Sua Majestade: a fim de evitar transformar este Brasil em grande campo de comoção, já foi concluído, secretamente, entre as mais altas autoridades dos dois países um tratado de paz. No momento, parece-me que a situação se esclarecerá em seu devido tempo. Fico cada vez mais grato diante da profunda generosidade da Sua Majestade. Mesmo brasileiros de classe inferior ao verem o grande espírito imperial, reverenciarão(sic) o Japão, com lágrimas nos olhos*"[5]

[5] Vários autores. *Uma Epopeia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/SBCJ, 1992. p. 274.

No início de 1946, uma comissão formada por seis japoneses tentou junto ao DOPS, legalizar a sociedade que até aquele momento, se encontrava na clandestinidade e registrá-la oficialmente nos moldes da legislação brasileira. Mário Botelho de Miranda, tradutor juramentado de língua japonesa do DOPS, atendeu a comissão e descreveu o episódio da seguinte forma:

"*Vinham protestar, disseram-me, contra a prisão de inocentes japoneses, seus companheiros. Vinham pedira para que as autoridades fizessem cessar a propaganda de alguns de seus patrícios, verdadeiros culpados por todos os acontecimentos havidos, e por haver na colônia, faziam inutilmente dentro da comunidade nipônica, pregando o derrotismo. Que, assim os lavradores não podiam trabalhar, tendo em mente esta propaganda judáica (sic), inescrupulosa, de pregar a derrota do Japão*" (MIRANDA: 1948, p. 56).

Miranda informou a essa comissão de japoneses que a *Shindo* era considerada uma sociedade ilegal porque atuava secretamente e sua direção era formada por estrangeiros, não podendo desse modo, ser registrada. Pedia ainda que voltassem ao trabalho e aguardassem a oportunidade de serem esclarecidos da realidade da situação. Essa resposta revoltou os japoneses ali presentes que insistiam em entregar o documento a polícia. Exaltados, começaram a pedira para serem presos (!). A cena inusitada pode ser sintetizada no diálogo que se seguiu entre o tradutor e o grupo:

"*Como não havia ordem nem para atendê-los, fomos botando os lunáticos para fora, não sem dizer-lhes no mesmo tom:*
- Não nos interessa prender só esta comissão. Que venham todos, os cento e tantos das comissões. O requerimento não foi recebido oficialmente; é só para saber que vocês dizem nele
- Então entregaremos o memorial à autoridade suprema.
- A quem, ao Presidente da República...?
- Sim! Se for preciso, ao Presidente da República, General Dutra.
- !?" (Idem).

Foi dessa forma que as autoridades tomaram "oficialmente" conhecimento da Shindo e de suas pretensões em relação aos membros da colônia denominados de "derrotistas". Nessa época vários japoneses "esclarecidos" ou "derrotistas" em várias cidades do interior e na capital paulista foram jurados de morte. O memorial entregue a

polícia ajuda a esclarecer em parte dos ideais e objetivos da sociedade, um dos principais seria a manutenção do *Yamato Damashii* (Espiríto Japonês):

"Todos os japonezes deve munir este espírito quando nascem e enquanto vivem e enquanto existir um japonez. O "SHINDÔ REMMEI" do Brasil nasceu no dia 15 de agosto de 1945. Por que razão? Surgiu "SHINDÔ RENMEI" para repelir os Japonezes derrotistas que espalham falsas notícias de rendição incondicional do NIPPON e fazem os atos deshumanos e uzam palavras vergonhosas. Isto, enfim constitui uma situação indesejável para produção da lavoura pelo motivo já explicado anteriormente. Por esse motivo nasceu "SHINDÔ RENMEI" para corrigirmos estas derrotistas e encaminhar aqueles que não reconhecem a verdadeira situação" (MIRAND:, 1948, p. 60).

Assinavam o documento *Junji Kikawa* (Presidente-São Paulo), *Ryotaro Negoro* (Diretor-Gerente – São Paulo), *Teiji Kimura* (Superintendente – São Paulo), *Shosuke Tanaka* (Fiscal – Lins), *Kiichiro Yoshii* (Diretor – Lins),*Tokujiro Ohata* (Sub-Diretor – Lins) e *Noriyasu Seto* (Superintendente – Lins)

A polícia perdeu uma boa oportunidade para prender alguns dos principais integrantes da *Shindo Renmei* da cidade de São Paulo e do interior. Esse descaso e arrogância por parte dos agentes do DOPS contribuiu para que os dirigentes da sociedade, poucos meses depois, dessem continuidade aos seus planos iniciando uma segunda fase de intimidação: os atentados e os assassinatos.

A primeira vítima da *Shindô Renmei* a tombar foi *Ikuta Mizobe*, Diretor Superintendente da Cooperativa Agrícola de Bastos, tradutor e divulgador do termo de rendição japonesa na cidade de Bastos. Sua filha *Aiko Higuchi*, que na época tinha 25 anos, relembra aquele trágico 7 de março de 1946 com pesar. Apesar de não ter testemunhado o acontecimento, ela o havia "pressentido". A Sra. *Higuchi* teve um estranho sonho naquela noite, no qual uma cobra picava as costas de sua prima. Acordou assustada, pressentindo que algo havia acontecido ao seu pai. Não dormiu mais... Na manhã seguinte recebeu a "repentina" visita do marido de uma prima, achou estranho e guiada pelas lembranças do sonho ruim que teve perguntou: "*Meu pai está bem*?". "*Ele levou um tiro na perna*", respondeu o marido da prima. Um pouco mais aliviada, mas ainda apreensiva pensei: "*Tiro na perna não morre, né*?" (ARAI: 2003, p. 98)

A sra. *Higuchi* no mesmo momento viajou para Bastos cidade vizinha a Pompéia onde ela morava. Chegando a casa de seus pais, lá presenciou uma cena que a deixou chocada. Um caixão em cima da mesa da sala com o corpo de seu pai sendo velado. Ao se

aproximar do corpo: "*Eu cheguei perto, levantei o pano que cobria seu rosto. Parecia que ele estava dormindo, mas seu nariz começou a sangrar. No Japão, dizia-se que quando as filhas chegam perto de um pai morto, o nariz dele sangra*" (Idem). O mais estranho foi que o tiro que matou *Mizobe* entrou pelo mesmo local onde, no sonho de sua filha, a cobra havia picado as costas de sua prima e o assassinato ocorreu no mesmo momento em que a sra. *Higuchi* acordava assustada: por volta das 23 horas do dia 07 de março.

Descobriu-se depois que o assassino de *Mizobe*, o jovem *Satoru Yamamoto*, fazia parte do braço armado da *Shindo*. O grupo de assassinos vestidos de capa amarela fazia parte da *Tokkotai* (abreviação de *Taiatari Tokubetsu Kogekitai*) ou "pelotão dos moços suicídas". O fato dos *tokkotai* representarem o braço armado da *Shindo Renmei*, só foi descoberto tempos depois pelo DOPS quando da prisão de alguns de seus integrantes, geralmente jovens "fanáticos" de vinte e poucos anos, "liderados" por alguém mais velho e "mais fanático". Haveria a orientação para que caso fossem presos, os *tokkotais* não deveriam mencionar em hipótese alguma sua filiação a *Shindo*.

Esse ato deu início ao momento mais sombrio e violento da história dos imigrantes japoneses no Brasil. Acontecimento único na história das imigrações que para cá vieram, as ações da *Shindô* ocorreram apenas no Brasil, nenhum outro país que recebeu imigrantes japoneses em seu território (ex. Estados Unidos, Peru, México, Argentina etc.) presenciou fato parecido. Acabando por se tornar um dos grandes tabus da comunidade japonesa aqui radicada.

Foram registrados pela polícia mais duas mortes de japoneses "esclarecidos" em abril, uma em maio e outra em junho. O mês de julho de 1946 ficou marcado como o mais sangrento, foram registradas onze mortes de "esclarecidos", concentradas na região da linha Noroeste no interior do estado de São Paulo. Além dos assassinatos uma série de ameaças e atentados com bombas caseiras ocorreram em várias regiões dos estados de São Paulo e Paraná.

Na capital paulista o DOPS agiu rápido. No dia 2 de abril agentes da polícia fizeram uma batida na sede central da *Shindo*, no bairro do Jabaquara. Ali prenderam, sem nenhuma resistência, alguns dos principais dirigentes da sociedade entre eles *Ryotaro Negoro* (vice-presidente), *Masanobu Sato* e *Teiji Kimura* (diretor-geral). Foi apreendido também 26 pacotes de material "comprometedor" , dentre os quais estavam estes objetos: uma

fotografia do altar da pátria armado na sede da Shindo Renmei com a reprodução adulterada da foto do encouraçado *Missouri*; dinheiro japonês usado durante a ocupação das ilhas do pacífico, mapas esquemáticos do estado de São Paulo com as cidades do interior, onde estavam instaladas as filiais da *Shindo*; manuscritos e cartas em japonês; bandeiras do Japão, entre outros objetos. (DEZEM: 2000, p. 72).

No mesmo dia foi expedida uma ordem de prisão em massa. Os japoneses que se encontravam hospedados em pensões e hotéis foram considerados suspeitos e presos para averiguação. Houve uma verdadeira "caça às bruxas" contra os japoneses a partir do mês de abril. Faltava prender a principal figura da sociedade, o "bom velhinho" *Junji Kikawa*. Em 8 de maio de 1946, o líder da *Shindo* foi novamente preso. Desta vez *Kikawa*, que já tinha a saúde fragilizada, parecia estar mais enfraquecido, com dificuldades para andar e falar.

Quando interrogado pelos investigadores, entre eles o intérprete Mário Botelho de Miranda, sobre qual seria a solução para a luta fratricida entre os japoneses, *Kikawa* respondeu que a "mais justa" seria prender todo mundo, *katigumis* e *makegumis*, pois desta forma "*a polícia não teria tanto trabalho e os makegumi salvariam sua pele...*"(MORAIS, 2000, pp. 182-183)

A partir destas prisões a polícia começava a desmantelar o núcleo central da sociedade, mas mesmo assim por quase um ano as ameaças e os atentados continuaram a ocorrer. Milhares de japoneses se encontravam presos em várias delegacias do estado de São Paulo, em abril de 1946, 81 japoneses considerados os principais envolvidos (destes 14 eram t*okkotais*) no caso *Shindo Renmei* foram enviados para Casa de Detenção enquanto aguardavam julgamento. Dois meses depois foram enviados ao Instituto Correcional da Ilha Anchieta, um presídio político localizado no litoral norte do estado de São Paulo. Em 10 de agosto o presidente da república, General Eurico Gaspar Dutra, decretou a expulsão dos 81 japoneses que se encontravam na Ilha Anchieta, todos acusados de atos de terrorismo. No entanto a expulsão nunca ocorreu efetivamente e boa parte dos presos japoneses foi colocada em liberdade no ano de 1948.

Em novembro de 1946, o japonês *Shinekiti Horikawa* em depoimento ao DOPS, informou que foi *Shojiro Imai*, que se encontrava preso na Ilha Anchieta, o autor intelectual das ações dos *tokkotais* e das cartas de ameaça aos "esclarecidos". Antes de ser preso, Imai propagandeava por meio de panfletos e folhetins que, no dia 7 de novembro de 1946,

chegaria ao Rio de Janeiro uma comissão militar japonesa para soltar os chefes presos e condecorar aqueles que mais haviam se destacado na campanha da *Shindo Renmei*, além de "*condenarem ao fuzilamento todos os makegumis*". No dia 3 de novembro, deveria começar a matança dos japoneses "esclarecidos" constantes em um lista feita por *Seiti Tomari* (mentor do grupo *tokkotai*), pois a "*ordem era matar a o maior número de makegumis no menor prazo, a fim de confundir as investigações da polícia*" (DEZEM: 2000, p. 80)

Em meados de 1946, mesmo com toda a liderança da *Shindo* presa, havia um revezamento nas funções da direção da sociedade. Mas, naquele momento, a sede central da *Shindo Renmei* em São Paulo já havia perdido o controle sobre a situação das outras filiais. Das 64 filiais registradas pela *Shindo*, a maioria se enfraqueceu e em janeiro de 1947, quando ocorreu oficialmente o último assassinato no bairro da Aclimação, na capital paulista. A *Shindo Renmei* como entidade não existia mais, passando a fazer parte da memória da colônia japonesa, cuja ordem era administrar o esquecimento dos tristes fatos ocorridos entre 1946 e 1947.

Considerações finais

O saldo trágico, entre março de 1946 e janeiro de 1947, foi de 23 mortes e 147 feridos, a maior parte das vítimas foi de *makegumis*. O "Caso Shindo Renmei" como ficou conhecido entre as autoridades policiais e jurídicas é considerado um dos processos com o maior número de indiciados na história do Brasil com mais de 600 japoneses.

Ecos dos acontecimentos daquele fatídico período ainda podiam ser sentidos não só na colônia japonesa aqui radicada, mas também pela sociedade brasileira. No dia 21 de maio de 1950, o periódico *Folha da Noite* publicou em sua edição de capa notícias de que supostos integrantes da extinta *Shindo Renmei*, agora sob a denominação de *Zenpaku Seinen-Renmei* (Liga dos Moços do Brasil), haviam procurado *Masanori Yusa*, chefe da delegação japonesa campeã olímpica de natação (1948), conhecidos como os "Peixes-Voadores" e que estavam em visita ao Brasil, interrogando-o sobre a situação do Japão naquele momento. Não satisfeitos com a verdade, o grupo de "fanáticos" começou a propagandear a absurda notícia de que aqueles nadadores eram, na realidade, coreanos a serviço da propaganda norte-americana...

Bibliografia

Arai, Johny. *Viajantes do Sol Nascente.* São Paulo; Editora Garçons, 2003.

Dezem, Rogerio. *Shindo-Renmei: Terrorismo e Repressão.* Inventario DEOPS – Modulo III. São Paulo; Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

Handa, Tomoo. *O Imigrante Japonês: História de sua vida no Brasil.* São Paulo; T.A. Queiroz editora, 1987

Kiyotani, Masuji. *Kikuji Iwanami – A vida de um imigrante através da sua poesia.* São Paulo; CENB, 1993.

Matinas Suzuki. *Memórias de um vivente obscuro.* São Pulo; Editora Giordano, 1997.

Miranda, Mario B. de. *Shindo Renmei. Terrorismo e Extorsão.* São Paulo; Saraiva. 1948.

Morais, Fernando. *Corações Sujos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Seto, Claudio & Uyeda, Maria Helena. *Ayumi. (caminhos percorridos):Memorial da Imigração Japonesa.* Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Udihara, Massaki. *Um Médico Brasileiro no Front – Diário de Massaki Udihara na Segunda Guerra Mundial.* São Paulo, Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

Vários autores. *Uma Epopeia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.* São Paulo: Hucitec/SBCJ, 1992.